

VOZ DA RESISTÊNCIA

Nº 3
18 FEV. 74

EDITORIAL

NAS SUAS JUSTAS LUTAS OS POVOS DO MUNDO APOIAM-SE
MUTUAMENTE!

a) A Luta dos Povos irmãos das colónias caminha irresistível, para a vitória total!

O formidável avanço da luta de libertação dos Povos irmãos das colónias é uma lança que dia a dia se enterra na carne a moribunda da burguesia colonial-fascista portuguesa! Sem dúvida que a guerra colonial-imperialista é o nó central das contradições em que se debatem os exploradores e opressores do nosso Povo, nó que lhes vai envolvendo o pescoço e progressivamente os sufoca.

A luta dos povos coloniais irmãos é imparável, os sucessos são a corrente dominante enquanto que para os colonialistas os reveses se sucedem:

- O sangue vertido pelo grande dirigente do Povo da Guiné, o patriota Amílcar Cabral, longe de desmoralizar não fez senão crescer a onda de revolta e aumentar a unidade férrea do Povo em luta contra o ocupante colonialista! Intensas ofensivas militares levaram os agressores a recuar, os seus aviões não mais puderam levantar do chão sob pena de serem abatidos pelas antiaéreas do PAIGC: os colonialistas foram empurrados até quase junto ao mar e no território

o libertado erguem-se uma vida nova e uma comunidade livre - a REPÚBLICA INDEPENDENTE DA GUINÉ-CABO VERDE. Este foi um dos mais sérios reveses sofridos pelos colonialistas: dezenas de Povos reconheceram a nova República Independente, solidarizaram-se com a luta do Povo da Guiné e Cabo Verde, aumentando o isolamento e o profundo descrédito de colonialistas e imperialistas, de rabo entre as pernas e orelha murcha!

- Desde o dia glorioso de 4 de Fevereiro de 1961 em que o Povo Angolano pegou em armas a luta foi-se estendendo a quase todo o território desse país: actualmente, as cinco regiões político-militares abrangem 10 dos 15 distritos em que os colonialistas retalharam o país, ou seja, aproximadamente 400 000 Km² onde vive uma população de cerca de 1 milhão de habitantes.

O heróico Povo Angolano, dirigido pela sua vanguarda, o MPLA, ousou iniciar uma luta de vida e de morte, de vida nova para si e de morte para os agressores colonialistas que, acossados em três frentes vêm no próprio interior do país o seu corpo a desagregar-se corroído pela luta do Povo Português em identidade (cont. na pág.)

de sentimentos com os seus irmãos das colónias.

- Em Moçambique os combatentes da PRELIMO abriram uma nova frente de luta, encontrando-se liberta a parte norte do país, território onde desponta uma economia nova, uma cultura nacional e uma vida livre, livre dos horrores da ocupação colonialista da exploração e humilhação centenárias.

Costa Gomes, o General de opereta do exército colonial visitou recentemente o teatro de guerra: não deve ter gostado do que viu, o senhor General! O que viu ele? O exército colonialista a ser desvaratado, fugindo como ratos. E viu mais: nas próprias grandes viu o Movimento Popular crescendo, como na Beira onde a situação é catástrofica para os ocupantes colonialistas. Não só na savana como também nas grandes cidades não só em Tete ou Kusda, como também na Beira ou Lourenço Marques, por toda a parte alastra a luta. Nem napalm, nem massacres nada pode conter a guerra colonialista cravada no corpo do Povo de Moçambique:

O POVO PORTUGUÊS SELA NA LUTA UMA UNIDADE INDESTRUTÍVEL COM OS POVOS IRMÃOS DAS COLÓNIAS!

b) O heroísmo e o exemplo dos Povos coloniais irmãos ficaram gravados na memória das massas populares do nosso país. Como seria possível sacudir um jugo que dia a dia mais pesava e mais odiando se afigurava senão pegando em armas? Isto tornava-se mais claro à medida que as massas de explorados e oprimidos no seu lento despertar arrancavam a venda com que o reformismo lhe tapara os olhos e lhe ocultara o inimigo, à medida que ia destroçando as algemas com que a burguesia o manietara.

Nos últimos três anos, paralelamente ao agravamento da crise da classe dominante, o Povo começou a ver cada vez mais claro o caminho que o havia de conduzir a uma vida nova e livre: a união de todos os oprimidos e explorados, sob a direcção resoluta da classe operária, união de todas as forças para a conquista de uma sociedade nova onde o Povo seja senhor dos seus destinos. Caminho que será longo e tortuoso, juncado de mártires, caminho percorrido de armas na mão para sacudir o jugo dos reacionários! O Povo Português sabe que um Povo que oprime outro forja as suas próprias algemas, que muitos dos males que a afligem resultam da criminosa guerra colonial de agressão, que é sobre a luta fratricida que a burguesia assenta a sua dominação que as armas que se apontam a irmãos devem ser utilizadas para derrubar o inimigo comum.

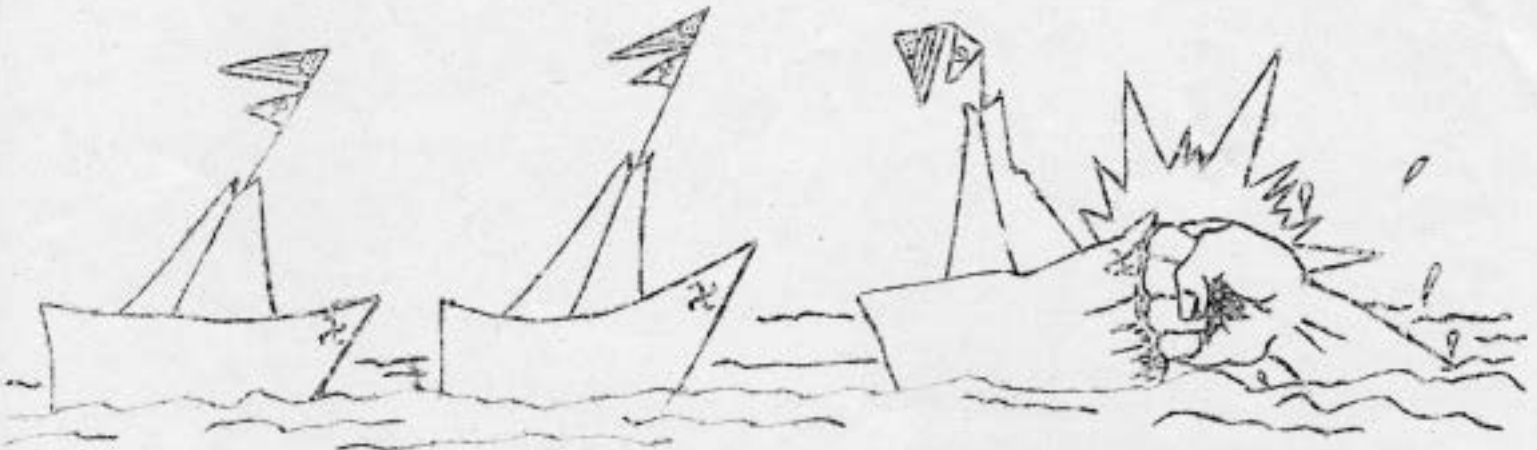
O POVO PORTUGUÊS EM LUTA PELO PÃO!

c) A guerra colonial imperialista é o ponto fulcral da crise que atinge a burguesia e lhe abre a cova: as enormes despesas bélicas que atingem 50% do orçamento nacional são sustentadas com o suor da exploração dos trabalhadores; a militarização do trabalho e a exploração desenfreada reforçam-se constantemente. A submissão ao imperialismo é acelerada pela continuação da guerra, pois a burguesia necessita de apoios militares e políticos cedendo em contrapartida a carne do Povo Português que como mão de obra barata é explorado pelo capital imperialista. Fraca como é, a burguesia fascista portuguesa necessita da ajuda dos imperialistas para lhe fornecer armas e apoio político e recebem, em contrapartida, uma cotada onde podem arrancar riqueza, assentar as suas bases de agressão contra os outros povos que também pretendem colocar sob a sua alçada. É na exploração exercida sobre os Povos das Colónias que a burguesia portuguesa é mera testa de ponte dos imperialistas, com os americanos em primeiro lugar!

Planos de dominação à escala mundial acalentam os imperialistas mas a realidade é outra; a frente comum de luta dos Povos do Mundo contra o imperialismo, seu inimigo principal, alarga-se: Vietnã, Laos, Camboja, Palestina ou Moçambique são laços para os imperialistas, são cadeias de dominação que vão cedendo e quebrando. As cadeias vão cedendo e os alicerces estremecem! Agora é a crise económica, a crise geral do sistema capitalista à escala mundial: na Inglaterra, na Alemanha e nos próprios Estados Unidos as massas trabalhadoras antevêm o espectro da fome conhecendo já como conhecem a inflação galopante, a falta de géneros e o desemprego.

E Portugal, país que foi vendido pela classe dominante aos imperialistas e que nos últimos tempos lhes tem sido posto a saldo, reflecte a crise geral do sistema em que figura como parente pobre. A crise sentir-se-á mais aguda em Portugal pois as neo-colónias do imperialismo são submetidas a uma exploração ainda mais desenfreada e as suas economias colocadas na total dependência das metrópoles imperialistas. Com uma economia submetida ao imperialismo e militarizada debaixo a baixo, devido ao

DE VENIO EM POPA NO MAR da LUTA ESTUDANTIL OS GALEÕES de PAPEL da REPRESSÃO FASCISTA!



SAQUEADAS E SELADAS PELOS ESPERROS DA PIDE AS INSTALAÇÕES IRÓ-ASSOCIATIVAS DOS ESTU- DANTES DE MEDICINA E FARMÁCIA DE LISBOA

Jamais querendo deixar seus créditos repressivos por mãos alheias, o governo fascista acaba de ordenar à sua diligente mão direita (a que sustenta as rédeas das represas PIDE, PSP, GNR e "tuti quanti") que lançassem uma vez mais os seus peçonhentos tentáculos sobre o movimento estudantil de Lisboa - objectivo imediato saquear, destruir e encerrar num "golpe de mão" a cargo do mesmo bando armado da PIDE, as instalações associativas dos estudantes de Medicina e Farmácia com a pretensão de assim disferir um rude golpe ao movimento democrático das mesmas estudantis.

Assim, na madrugada do último dia 3 o espectro da repressão policial irrompe traiçoeiramente da noite - suprema lucidez! - e invade, na presença grotesca das "autoridades académicas" -leia-se, PIDE de cátedra- e ainda de alguns "convidados" -jornalistas da imprensa burguesa- com toda a "legalidade" e pompa dos momentos solenes da "REFUSÃO OFICIAL", as instalações associativas da Medicina de onde, depois de arrombadas várias portas, procede ao saque de todo o material que pôde transportar, destrói o restante (principalmente o pesado material -de elevado custo-de impressão "off-set" que os estudantes tinham adquirido) e encerra todas as instalações reservadas ao movimento associativo.

Mas onde há repressão há resistência e face a este covarde ataque das forças terroristas do fascismo, souberam os nossos colegas da Medicina responder de imediato, co-

rajeosa e decididamente na manhã seguinte, impondo uma greve às aulas até à reabertura da AE e dias depois destruindo uma parede do tijolo, que agora em vez da porta (!) barrava o acesso dos estudantes à sala dos alunos - boa lição de como lutar consequentemente contra a repressão fascista, contra o terror policial; de como desmascarar reformistas de toda a espécie, como neste caso os "dirigentes" da AP que, uma vez mais, diante do respogeta violenta dos estudantes, emparelharam em pânico na canga das "autoridades académicas

Sábado, 9, pelas 9.30, novo assalto, o mesmo bando! Desta feita foi a vez da AE de Farmácia que, depois de saqueada, teve o mesmo destino da de Medicina - cumpre-se a tendência histórica das AAEE em Portugal (a primeira a ser encerrada foi a de Coimbra, em Fev. 71, e outras se lhe seguiram, nomeadamente no ano lectivo 72/73: Direito, Ciências, Técnico em Lisboa; Medicina no Porto...

Sabendo a burguesia, sabendo o seu Estado fascista-colonialista que ao avanço inelutável das lutas populares correspondem novos avanços da luta progressista dos estudantes, que ao desenvolvimento da luta democrática dos estudantes corresponde um sempre crescente grau da sua politização, que cada vez mais os estudantes se decidem a lutar-na escola, na rua- lado a lado com o povo português pelos seus justos objectivos, que os estudantes não temendo nem se intimidando com o estrato cénico e virulenta repressão fascista, estão dispostos a responder, face à

(cont. da pág.)

taco com a luta de massas a todas as suas provocações, a todos os seus crimes, sabendo-o, ela tenta tudo por tudo para aniquilar o Movimento Estudantil, neste caso concreto ela tenta, encerrando as estruturas locais de massas e democráticas dos estudantes - as AABE - tirar do Movimento Estudantil o seu carácter de massas, a sua democraticidade e, remetendo-o para a ilegalidade, para melhor o destruir. Ela tenta ainda a um tempo levar por diante em mais um passo a sua orientação política de militarização do ensino que logo dentro dos muros da Escola pretende adestrar os estudantes no sentido de os remeter desde que "conveniente" nas fileiras do exército colonial de agressão e assassinio dos Povos irmãos das Colónias.

A luta popular toma hoje proporções cada vez maiores e a luta estudantil reflecte-o de forma límpida.

O bailado sinistro das reivindicações pedagógicas, das lutas parciais, reformadoras e "apolíticas" é já tão só uma nova nota de roda-pé na história do Movimento Estudantil, ou na história da (outra) dança, um breve parágrafo integrado no capítulo mais geral da dança macabra das liberdades fundamentais e das "reivindicações muito concretas e imediatas" ou ainda uma fórmula bafienta de que se servem os alquimistas (vulgo reformistas "de modê" ou clássicos e neo-reformistas ou reformistas "à lá page" - ambos intransigentes nos princípios comuns com a particularidade de os segundos os tentarem dissimular sob o manto, em fracasso um tudo nada mais "radical" da "em-

(cont. na pág.)

vez mais moribunda, cada vez mais consciente de que será derrotada, a lançar a mão ao seu último e mais radical recurso - a violência desenfreada. Mas nós sabemos que os seus esforços são infrutíferos, sabemos que a medida que endurece a repressão fascista, novas forças populares se consciencializam e despontam para a luta.

A repressão violenta do fascismo, se de uma maneira podemos responder: resistir e colocar a nossa luta ao serviço da gloriosa luta das classes exploradas dirigida pela classe produtora, que sobre os escombros da burguesia e dos seus patrões imperialistas, edificarão um sociedade livre, fraterna e justa.

(cont. na pág.)

LICEU D. JOÃO III: as suspensões não intimidarão os estudantes !!!

A luta pela liberdade de informação e reunião, contra o conteúdo reaccionário das matérias, contra a agressão ideológica da burguesia e contra o processo de militarização da Escola foram pontos altos da luta dos estudantes do D. João III.

Passando de formas demagógicas, intempes de desunir e fazer recuar os estudantes, as autoridades fascistas (agentes da repressão fascista na Escola) puxaram da arma que têm na manga - a repressão. Pide e autoridades fascistas, foram durante o processo que culminou com a suspensão de cinco estudantes (Sérgio, Barbosa, João Pedro Ramos, João José e Júlio) uma e a mesma coisa: que a nível de métodos de trabalho (interrogatórios, intimidações, provocações) quer nos objectivos a atingir: isolando os estudantes mais activos, tentam os fascistas assassinar, cortar a direcção do Movimento. Mas a luta é de todos os estudantes e não se deve apenas a "uma dúzia de activistas". Daí resultou que as medidas repressivas das autoridades, não atingiram a tal "pequena dúzia de cabecilhas", mas abrangaram todos os estudantes do D. João III. Traduz-se esta medida, por uma crescente militarização do ensino (proibição de saída, utilização de cartões de saída, etc.).

Frente a esta medida que visa a transformação do liceu num quartel, os estudantes reagiram isoladamente, arrombando por quatro vezes uma das portas. Mas a luta contra esta manobra que procura dividir-nos e amansar-nos NÃO PODE PROCES-
SAR-SE POR ACTOS ISOLADOS, não nos podemos deixar dividir, nem amedrontar. Com a repressão NÃO SE CEDE, NÃO SE PACTUA, NÃO SE DIALOGA: RESISTE-SE.

Todos nós, estudantes de Portugal, temos vindo a assistir a uma crescente agudização da repressão e da militarização nas Escolas.

O agravamento da situação nas colónias, e a consequente processo de dependência em relação ao imperialismo, o avançar da luta popular e da luta dos estudantes, leva a burguesia colonial-fascista, cada



enorme esforço da guerra, a burguesia portuguesa vê aumentada a crise que atinge também os seus patrões imperialistas.

Nos últimos tempos a vida encareceu em quase 100% e o ano de 74 vai ser certamente um ano de fome. A burguesia sente avolumar contra si o ódio popular que despenha e cresce de Norte a Sul do país. Ela que ao Povo só pode dar uma vida de miséria, opressão e guerra que espera senão a ira das massas populares?

A burguesia sente precipitar-se na sua agonia; pela boca do seu chefe de fila, Marcelo Caetano comenta-se que "o tempo é de vacas magras". Ele sabe que o Povo Português se levantará numa onda de luta pelo Pão, que cada luta parcelar se pode integrar na grande torrente que varrerá os reacionários da face de Portugal.

Na madrugada do dia 15, em Coimbra foram presos pela PSP dois elementos progressistas.

Um deles, JOSÉ LAMEGO, estudante de Direito, conhecido pelo seu comportamento exemplar aquando do assassinato pela FIDE do nosso Camarada Ribeiro dos Santos, em 12 DE OUTUBRO sabe-se ter recusado a dar a identificação aos rafeiros da PSP.

José Lamego, tanto da sua primeira prisão como da segunda (esta última em 3 de Maio de 73, junto à Faculdade de Letras de Lisboa) soube manter nas masmorras fascistas um comportamento consequente, dando assim exemplo de que o progressismo não se adia às portas de Caxias para se retomar uns tempos depois.

Desconheça-se ainda quem seja o outro elemento, sabendo-se no entanto que não só se recusou a dar a identificação como respondeu enérgicamente ao ataque terrorista da PSP.

DE VENTO EM POPA, NO MAR DA LUTA, ESTUDANTIL, OS GALGÕES DE PAPEL DA REPRESSÃO FASCISTA!

(cont. da 4ª pág.)

tica" ao reformismo dos primeiros) para tentarem atingir o seu fim ideal - a sabotagem completa naquilo que ele tem de democrático e progressista, na sua luta ao lado do Povo contra a repressão fascista, a opressão imperialista e a guerra colonial de exploração, opressão e genocídio dos povos coloniais em justa luta pelo direito a disporem do seu próprio futuro.

Acrescidos da luta contra a militarização do ensino, a agressão ideológica da burguesia e pelas liberdades democráticas no seio do Movimento Estudantil, eis os principais aspectos de que se reveste a luta de resistência dos estudantes portugueses face à política terrorista da burguesia, parte de toda uma luta que avançando a passos firmes e audaciosos é causa do pânico que faz tremer em seus pés de barro o Estado fascista, agora lançado cada vez mais ora em actos desesperados - assassinatos, espancamentos, prisões, torturas, etc. - ora na aplicação sistemática da militarização do ensino - autoritarismo, selecção, intervenções policiais a todo o momento, etc. - ora ainda tentando destruir as conquistas democráticas do Movimento Estudantil - legalidade do movimento, as AAEB, a liberdade de reunião, etc.

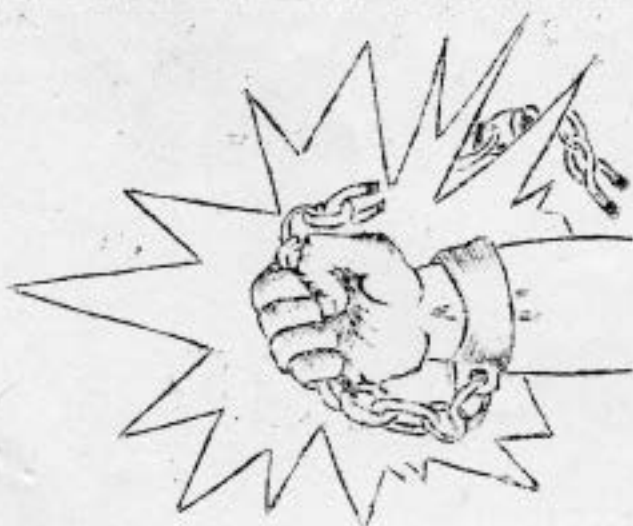
- DENUNCIEMOS EM POPA A ESCALA A REPRESSÃO FASCISTA DA BURGUESIA!
- POR UMA VERDADEIRA LUTA DE MASSAS, DECIDIDA E VIOLENTA, CONTRA TODAS AS PROVOCAÇÕES E BRUTALIDADES DO TERROR POLICIAL!



D. JOÃO III: as suspensões não intimidarão os estudantes!!!

(conclusão da pág. 4)

Os estudantes do D. João III sentem já também os efeitos dessa repressão. Mas para já eles se viram obrigados a recuar, eles também se saberão reorganizar e resurgir na luta, ainda mais fortes, mais conscientes e mais seguros da justeza dos seus objectivos: A LIBERDADE, A JUSTIÇA E O PROGRESSO.



INFORMAÇÕES DOS

ESTUDANTES PRESOS

José Alexandrino - Colega de Direito preso no dia 13 de Dezembro na Faculdade (Lisboa), tem comparecido nas visitas com o corpo e a cara cheios de nódoas negras e arranhões. Foi submetido à tortura do sono e a violentos espancamentos. O seu comportamento é firme, não pactuando e não prestando declarações.

Emanuel - Colega do 4º ano de Económicas preso no dia 28 de Dezembro, na sede do "Tempo e o Modo", quando a PIDE, de forma provocatória, invadiu as instalações desta revista.

Depois de o ter espancado violentamente, a PIDE mantém-o no mais completo isolamento, tendo-o privado do recreio. Esta prisão verdadeiramente ilegal merece uma resposta de nós! Arranquemos o nosso colega às garras criminosas da PIDE.

Saldanha Sanches - Colega de Direito preso no dia 30, na rua, por um gorilo da Fac. de Direito de Lisboa, mais uma vez nos deu o verdadeiro exemplo de firmeza e combatividade, a exemplo das outras 4 vezes em que esteve preso.

Apesar de não ter quaisquer provas de acusação a seu respeito, a PIDE quer atribuir-lhe uma nova pena de 8 a 12 anos. Saldanha Sanches merece o mais completo apoio de todos nós.

Maria José Morgado - Operários, empregados e estudantes arrancam Maria José Morgado das garras da PIDE. Esta nossa colega encontrava-se nas masmorras de Caxias desde o dia 21 de Outubro de 73.

Não conseguindo com brutais espancamentos a esta nossa colega de Direito, levar para a frente a sua política repressiva, continuou por outros meios essa mesma política, estabelecendo uma caução de 70 contos para a sua saída. Imediatamente se desencadeou por todo o lado uma ampla campanha de denúncia de mais este crime da burguesia, que teve eco nos mais variados locais onde chegou. Assim, entre os operários, empregados bancários e estudantes, foram feitas recolhas de fundos, que mostram bem a disposição das pessoas de apoiar aqueles que mais intransigentemente defendem os interesses do Povo.

Melo - Estudante de Medicina, que teve um comportamento correcto aquando da invasão de Medicina, por um grupo de Pides Legionários, recusando-se a entregar as chaves das instalações associativas, encontra-se nas masmorras da PIDE.

DIVULGUEMOS E APOIEMOS
DE FORMA ACTIVA E

ENTUSIASTICA AS JUSTAS LUTAS
POPULARES!

O proletariado luta e avança, a burguesia requebra e reprime, tal é hoje o quadro geral da luta de classes em Portugal! Continuando a luta, o Povo Português avança com o estímulo das lutas anteriores, com a certeza da vitória nas futuras, sempre maiores, sempre mais árduas, para a vitória final sobre a burguesia, por uma sociedade nova fraterna e justa!

PARALIZAÇÃO NA TIMEX - Na Timex, fábrica de relógios de capital britânico, os operários da serralharia fizeram no dia 4/2 uma paralização de trabalho de 2 horas e meia, reivindicando aumento de salários

GREVE NA MUNDET (Montijo) - 300 operários e operárias desta fábrica corticeira entraram em greve no dia 8/1, pelo pagamento imediato dos salários em atraso. Esta greve vitoriosa prolongou-se por vários turnos das zero às 16,30H

SINDICATO DOS ELECTRICISTAS - 3000 operários subscreveram um abaixo-assinado em que se exigiam salários mínimos de mil escudos e a diminuição das horas semanais de trabalho (para 40 H por semana). A direcção do sindicato tem 8 dias para responder às reivindicações dos operários

GREVE NA IBERIAR - No dia 2 entraram em greve por aumento de salários, a totalidade dos operários desta indústria farmacêutica de Queluz de Baixo (incluindo o pessoal do refeitório). Esta greve manteve-se até à tarde do dia 5 em que foram concedidos os aumentos (da ordem dos 300\$00)

GREVE NA DIALAP - Nesta empresa, em Cañorruivo, ligada à Diamang, tinha havido há tempos uma remodelação dos vencimentos de cerca de 15%.

Cerca de 500 operários fizeram, no dia 4 uma greve de 5 horas exigindo maiores vencimentos e, simultaneamente, que se acabasse com o sistema de prémios. O patrão ameaça "lock out" e introdução de operários belgas. Não se intimidaram porém os operários e nomearam uma comissão de fábrica que entregou um documento exigindo resposta até ao dia 6; caso contrário - greve.

UNIDA A CLASSE OPERÁRIA TEM TODAS
AS VITÓRIAS AO SEU ALCANCE!!!

C.L.C.R.